

DOMINGOS SÁVIO DA SILVA, *Habacuc e a resistência dos pobres: tradução crítica do profeta Habacuc*. Aparecida do Norte, Editora Santuário, 1999, 344 p.

Habacuc e a resistência dos pobres: tradução crítica do profeta Habacuc é a tese, na íntegra, de doutorado de Domingos Sávio da Silva, apresentada na Faculdade Metodista, São Paulo, no ano 1997. O livro é constituído de duas grandes partes, mais introdução e conclusão. A primeira parte, denominada *Auto-apresentação do texto*, consta de seis capítulos. A segunda parte, com três capítulos, descreve *A realidade que se reflete no texto*.

Na primeira parte encontra-se a tradução do texto massorético do livro de Habacuc com uma vasta crítica textual (p. 17 a 172). No trabalho de tradução, o autor persegue o princípio de *maior fidelidade possível ao texto massorético* (p. 26; 71; 99; 139; 146; 158; 161). O autor chega a dizer que contempla a *louvável intangibilidade do texto massorético* (p. 160).

Como toda tradução, em si, é uma interpretação (cf. p. 296), o autor não foge à regra, inclusive pelo princípio adotado de seguir fielmente o texto massorético. À guisa de exemplo, podemos citar: *Quanto ao v. 3ab, vejo uma lógica possível para a mudança que nele se propõe: contemplo. Se Javé me faz ver, eu contemplo! No entanto, opto pelo texto massorético, vendo em ambas suas formas verbais o mesmo sujeito Javé ('Por que me fazes ver iniquidade, e malignidade contemplas?', v. 3a), por sentir nele uma forte densidade de ação. Sim, o profeta vê como que coagido; Javé, por insensibilidade! E, além do mais, em sua versão massorética, o texto apresenta-se como plenamente compreensível e razoável. Descarta-se, então, por si mesma, a necessidade da mudança proposta. E, assiste-me, por outro lado, o já explicitado princípio, bem pessoal, de fazer o possível para não tocar uma vez mais no já tocado e retocado texto massorético* (p. 31).

De posse da tradução, Sávio da Silva passa para uma segunda parte do trabalho, em busca de resposta às seguintes questões: de que situação histórica o texto de Habacuc se faz reflexo? Qual o panorama internacional, sobretudo no tocante às nações que mais influíam nos destinos do povo eleito, e,

no interior deste, que diziam respeito ao grupo diretamente implicado na profecia em questão? Que problema se vivia? Como o profeta o interpretava? Propôs alguma solução? (cf. p. 15; 173-174).

Essas questões são respondidas pela análise semântica da palavra *hamaç*-violência (p. 192-200). Especialmente nos capítulos 1 e 2 do livro de Habacuc, onde o termo ocorre seis vezes (1,2ba.3ba.9; 2,8.17 [bis]), Sávio da Silva detecta a situação de opressão e violência que caracterizou a vida do povo no tempo do reinado de Joaquim (608-598 a.C., cf. p. 177). O grupo social, personificado por Habacuc, que denuncia tal situação de opressão, seria, conforme a pesquisa de Sávio da Silva, levitas empobrecidos, que fizeram opção pelos justos oprimidos (p. 215).

A seguir o autor apresenta o estudo do capítulo 3, do livro de Habacuc, no qual se pode observar uma linguagem cúltica, bem como o termo “ungido” (v.13). Estes dois elementos, objeto de discussões de especialistas no assunto, nos apontam a ideologia da monarquia, que não condiz com o texto dos capítulos 1 e 2 de Habacuc. Por isso o capítulo 3 de Habacuc é considerado por muitos professores como uma adição posterior ao livro. Sávio da Silva apresenta o capítulo 3 como parte integrante do conjunto da obra de Habacuc e dedica as páginas 217 a 287, de seu livro, a esta questão.

Seus principais argumentos são:

- a linguagem cúltica faz parte dos levitas empobrecidos que fizeram opção pelos oprimidos, os justos que sofrem *hamaç*-violência (p. 209-216; 243-258).
- Quanto ao termo *ungido*, esse verbete não se refere ao rei, mas ao injustiçado que luta contra os ímpios (p. 259-287).

Nessa tese Habacuc é apresentado como um profeta com posições sociopolítico-religiosa muito bem definidas. Segundo o autor, Habacuc não aceitava que a intervenção militar estrangeira fosse um castigo divino para o povo eleito. *Habacuc recusa irrestrita e incondicionalmente todo intervencionismo estrangeiro armado, que se arvore em instrumento estratégico de que Deus se serviria para implantar sua justiça punitivo-educativa no seio de seu povo eleito* (p. 240). Deus jamais iria usar de violência para corrigir seu povo, pois violência atrai violência. Por outro lado, o profeta Habacuc descarta a hipótese da mediação histórico-salvífica da monarquia (p. 268-269). *Ele possui uma proposta para o impasse de seu tempo no próprio povo marginalizado, no justo-saddiq, identificado no conjunto da profecia, como 'ani-miserável ou pobre* (p. 269). Para Habacuc é o próprio pobre que tem o potencial coletivo de

manifestar o poder salvífico de Javé. *Suas armas na luta pela reversão dos rumos da história viriam da coesão, da solidariedade entre os oprimidos, do crer um no outro, em si mesmo e no próprio grupo, e nessa força potente que daí advém* (p. 309).

O livro de Domingos Sávio da Silva é uma obra útil para alunos e alunas de pós-graduação em Bíblia, como exercício de exegese, especialmente no que se refere à crítica textual — contribuição especial desse trabalho. Para especialistas na área, é uma leitura alternativa do livro do profeta Habacuc e uma contribuição para pesquisa do assunto em questão.

Shigeyuki Nakanose
Professor do ITESP
Diretor do Centro Bíblico Verbo